



IV JORNADA DE
PESQUISA EM
PSICOLOGIA
DESAFIOS ATUAIS NAS
PRÁTICAS DA PSICOLOGIA

25 e 26 de novembro de 2011
UNISC - Santa Cruz do Sul

LETRAMENTO

*Denice Bortolin
Rose Carla Sesti
IMED*

Resumo

Este artigo tem como finalidade refletir sobre os fatores correlacionados entre a fase da adolescência e o conceito de letramento. O estudo ocorreu, pois as pesquisadoras trabalhavam como docente de alunos adolescentes do Ensino Médio e ao terem conhecimento sobre conceito Letramento, começaram a se questionar se esses alunos eram alfabetizados e letrados. Evidencia-se que alunos de Ensino Médio estão na fase da adolescência, fase marcada por mudanças físicas e psicológicas que muitas vezes dificultam o processo de aprender. Letrado, é aquele sujeito que além de ser alfabetizado, ele faz uso social daquilo que ele lê, a apropriação desse conhecimento possibilita o sujeito a se inserir no mundo da cultura, da sociedade. Esta reflexão ocorreu por meio da revisão bibliográfica sobre o tema, durante todo percurso de formação no mestrado em Educação, juntamente com a prática pedagógica com alunos de Ensino Médio.

Palavras-chave: Adolescência. Aprendizagem. Ensino médio. Letramento.

Introdução

O termo letramento, que surgiu na década de 80, vem sendo amplamente discutido na atualidade por diferentes autores e diversos meios acadêmicos. Este artigo tem como finalidade convidar o leitor a refletir sobre os fatores correlacionados entre a fase da

adolescência e o conceito de letramento, pois esta reflexão nos permitirá verificar se nossos alunos de ensino médio, além de serem alfabetizados, são letrados.

Metodologia

O estudo realizado é um estudo teórico com revisão bibliográfica sobre os temas letramento e adolescência.

Discussão

O letramento surgiu distinguindo-se do conceito de alfabetização, segundo Verdini (apud Soares, 2001). A necessidade do surgimento desse novo conceito é justificada através dos novos fatos, de novas idéias, novas maneiras que emergem para compreender os fenômenos. A palavra é uma tradução para o português da língua inglesa literacy. Literacy é um estado ou condição que introjeta aquele que aprende a ler e escrever. A idéia que está implicada nesse conceito é de que a escrita traz conseqüências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, lingüísticas, quer para o grupo social em que está inserido, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la. O desenvolvimento da leitura e escrita desperta atenção pela importância que desempenha em todo o processo educativo. A literatura nos mostra que a aprendizagem desses tópicos tem início muito antes da criança entrar no ensino fundamental: autores como Piaget, Vygotsky, Emília Ferrero, entre outros, têm contribuído de forma marcante para o estudo destes processos. O letramento está diretamente relacionado ao ensino da leitura e escrita: algumas pessoas até podem ser alfabetizadas – aprendem a ler e escrever – porém, não necessariamente incorporam a prática da leitura e da escrita. Letramento é o resultado da ação de ensinar ou aprender a ler e escrever: é a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como conseqüência de ter se apropriado da escrita, (Soares, 2001). Nessa perspectiva, o letramento é um conceito que surgiu para ampliar o termo alfabetismo. O sujeito alfabetizado demonstra condições de ler e escrever. Compreende-se por analfabetismo aquele que não pode exercer em toda sua plenitude os seus direitos de cidadão, é aquele que a sociedade marginaliza, o que não tem acesso aos bens culturais

de sociedades letradas, (Soares, 2001). Marques (2004) em artigo publicado, lembra que a aquisição do sistema da escrita e a efetiva possibilidade de uso no contexto social são mais do que conhecer as letras, regras ortográficas ou gramaticais; o ensino da língua escrita requer a assimilação das práticas de uso. Observa-se, que anteriormente, o problema estava na palavra analfabetismo, porém recentemente enfrenta-se uma nova realidade social. É preciso também, saber fazer uso do ler e escrever, saber responder às exigências de leitura e escrita que a sociedade faz. Com o surgimento desse novo conceito, modificou-se (de maneira tímida) a forma que a alfabetização é compreendida pelo Censo. Antes era considerado analfabeto o sujeito incapaz de escrever seu próprio nome; nas últimas décadas, saber ler e escrever um bilhete simples é que define o sujeito alfabetizado ou não. Passou-se à verificação da capacidade de usar a leitura e escrita para uma prática social, (Soares, 2001). Um aspecto importante que se revela pelo letramento, é que um indivíduo sabendo ou não ler e escrever, de certa forma pode ser letrado. Se ele vive em um meio em que a leitura e escrita têm presença forte, e o sujeito se interessa em ouvir a leitura de jornais, cartas, por um sujeito alfabetizado, ou ainda, peça para que alguém lhe leia os avisos ou indicações, afixados em lugar, esse analfabeto de certa forma, é letrado, porque ele se envolve em práticas sociais de leitura e de escrita. Para Kleiman (1995, p.20) o fenômeno do letramento extrapola o mundo da escrita tal qual ele é considerado pelas instituições que se encarregam de introduzir formalmente os sujeitos no mundo da escrita: De acordo com Kleiman (ibid, p.21), outras “agências” de letramento, como a família, a igreja, a rua, lugar de trabalho, mostram orientações de letramento muito diferentes, como por exemplo: leitura de livros antes de dormir, leituras de caixas de cereal, de sinais de trânsito, de propagandas de TV e a interpretação de jogos e brinquedos. Segundo Soares (2001, p.36) quem “aprende a ler e a escrever e passa a usar a leitura e a escrita, a envolver-se em práticas de leitura e escrita, torna-se uma pessoa diferente, adquire um outro estado, uma outra condição”. Esta pessoa passa a ser letrada, no sentido de viver em estado de letramento (usando socialmente a leitura e a escrita e respondendo adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita). Desse modo, quanto mais amplo e diversificado for o contato do indivíduo com a linguagem

escrita, maior será suas oportunidades para descobrir as regularidades desta e para se familiarizar com suas características específicas. Ou seja, quanto maior o grau de letramento, melhores serão as possibilidades de exercer as práticas sociais que usam a escrita, e mais, dominando também a decodificação. A curiosidade da criança em descobrir o que significa a leitura começa muito cedo. Todo menino ou menina, desde sua mais tenra infância, é um ativo leitor do mundo, que se transforma em um leitor de textos, quando estes lhe são proporcionados por seu meio natural e quando conta com um mediador eficiente para facilitar seu domínio. Dessa forma, a criança que ainda não se alfabetizou, mas percebe o uso e a função da escrita, pode ser considerada de certa forma letrada. Por exemplo: a criança pode não saber escrever uma lista de supermercado, no entanto, ela pode fazer uso de desenhos desses produtos, demonstrando a compreensão e o uso social da escrita, (Soares, 2001). Denota-se que, para o indivíduo que se inserir no meio letrado, sendo ele analfabeto ou não, existe uma condição, que é o seu próprio desejo, ele precisa desejar existir e fazer parte da sociedade. Dolto (apud Laurenti, 2006), refere que a função simbólica é fundante do ser humano. A função simbólica está ligada à memória, ela faz a satisfação e a insatisfação das necessidades biológicas terem valor de linguagem para o homem. Na total dependência, o bebê faz a mãe ser capaz de aprender a identificar os chamamentos das suas necessidades. Entretanto, no lactente, quando a necessidade é satisfeita o desejo jamais o é, devido a falta do outro. O desejo é o apelo à comunicação, à possibilidade de inscrição da criança na ordem da linguagem comunicativa. Situações motivadoras, ligadas ao desejo e à necessidade de se comunicar, permitem que os alunos (sejam crianças ou adultos) possam se expressar livremente e que, ao mesmo tempo, o professor identifique os aspectos do desempenho lingüístico que serão necessárias enriquecer e sistematizar em outras instâncias pedagógicas e/ou psicopedagógicas. Nota-se, muitas vezes, que a escola, a mais importante das agências de letramento, preocupa-se, não com o letramento, como prática social, mas como apenas um tipo de prática, ou seja, a alfabetização, o processo de aquisição de códigos (alfabético, numérico), processo geralmente concebido em termos de uma competência individual necessária para o sucesso e promoção na escola. O corpo de conhecimento

existente até o presente momento sobre letramento, nos leva a discussão de como esse processo se realiza com os adolescentes. A discussão que se segue é, assim, uma tentativa de localizar o letramento numa determinada faixa etária, onde questões pertinentes à faixa evolutiva tem sido muito discutidas e que nos levam a fazer algumas considerações. A apresentação não é exaustiva, nem oferece uma exposição de todas as contribuições significativas referidas até então no presente trabalho, até porque formulações e observações novas do desenvolvimento do adolescente estão continuamente sendo feitas. Na prática com alunos de Ensino Médio, observa-se que os alunos em determinado momento parecem não ter a condição do letramento, ou seja, realizam uma atividade proposta sem muita compreensão do que está sendo solicitado, algumas vezes relatam o desconforto e a falta de capacidade para realizar uma tarefa que lhes exija o pensamento crítico e abstrato. Este aspecto chama a atenção, pois segundo Papalia (2000) os adolescentes são capazes de raciocínio abstrato e julgamento moral sofisticado, e podem ter planos mais realistas para o futuro. Eles tem a capacidade e consciência de como o mundo poderia ser. Piaget (apud Papalia, 2000), refere que os adolescentes de Ensino Médio ingressam no mais alto nível de desenvolvimento cognitivo, que são as operações formais, capacidade esta responsável pelo pensamento abstrato. Este pensamento dá a possibilidade de manipular a informação de uma nova maneira. Eles não estão mais limitados ao aqui e agora, eles podem imaginar possibilidades, testar hipóteses e formar teorias. O aluno de Ensino Médio encontra-se de acordo com Piaget (apud Ribeiro, 2004), no estágio lógico-formal, no qual o raciocínio hipotético-dedutivo é possível permitindo a ele formular hipóteses sobre sua realidade e interagir com seu conhecimento de forma mais reflexiva, visando a aplicabilidade dos conteúdos aprendidos com sua realidade. Muitas vezes de maneira imaginativa, o adolescente torna-se um reformulador das questões políticas, sociais e econômicas. Porém, a adaptação ao meio sócio-cultural ocorre na medida que o adolescente sai da percepção ilusória, passando para a realização em si. Contudo, às vezes, qualquer professor ou até mesmo os pais de adolescentes podem confirmar que, o pensamento do adolescente parece imaturo, (Papalia, 2000). Nem sempre o aluno de Ensino Médio encontra-se no estágio do pensamento lógico-

formal, ele pode estar “preso” a estágios anteriores do desenvolvimento, demonstrando um comportamento de dependência, ficando fixado na realidade concreta apresentando dificuldades de criar hipóteses, pensar criticamente e resolver questões, (Ribeiro, 2004). Gomes (2003) revela que a aprendizagem é definida situacionalmente por meio das formas em que o professor e alunos constroem os padrões e práticas de vida na sala de aula. Assim, os membros constroem maneiras de agir, interagir e interpretar a vida diária, utilizam práticas e processos culturais como recursos para a construção de oportunidades de aprendizagem da leitura e da escrita em sala de aula. A construção do conhecimento na sala de aula nos eventos de letramento é dinâmica e reflete a natureza complexa e multifacetada das decisões e processos articulados pelos professores e alunos. Capisano (apud Laurenti, 2006), enfatiza que o ensino sem emoção não é ensino. Se o professor não ama o que faz em função de perturbações do processo do seu ser, sua auto-estima e motivação diminui. Mestre sem amor, sem impulsos construtivos, até mesmo com uma tonalidade agressiva, é professor estéril, não fecunda a mente de seus alunos. O encanto da aprendizagem reside no erotismo saudável presente na relação entre professor e aluno. Não se trata de encantar, seduzir, mas de dar de si para afugentar o marasmo, o cansaço, a ineficiência. Importa o desejo e a responsabilidade de ensinar.

Conclusão

Evidencia-se então, que professores e alunos participam de um processo de interação em diferentes dimensões contextuais que informam e possibilitam a construção do conhecimento na sala de aula, onde estão implicados a condição e o desejo do aluno aprender, a condição e o desejo saudável do professor ensinar através de um vínculo profissional, mas significativo. Trata-se de um processo dialógico e interacional de construção de normas de convivência, que vão influenciando e determinando a natureza das oportunidades de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita, (Gomes 2003). Após as reflexões expostas, pode-se concluir que “o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado.” (SOARES, 2001,

p.47). Enfim, esta análise demonstra a utilização do letramento na busca de construção do sentido/significado - dentro da linguagem escolar inserida no cotidiano do aluno -, superando o conhecimento do código da escrita. Tomando o letramento como uma atividade sistemática – na medida que o mesmo faz parte das regras e normas de uma sociedade estabelecida e contemporânea – o exercício da escrita e da leitura deve ser encarado como algo prazeroso, na medida que permite ao indivíduo enxergar e significar sinais gráficos e lingüísticos que ampliam seu leque de conhecimento. Sendo assim, dentro de um contexto educacional a organização do trabalho pedagógico está diretamente direcionada ao sentido que atribuímos à escola é a sua função social, ao modo como entendemos a criança, ao sentidos que damos à infância, à adolescência e os processos de ensino-aprendizagem, isso relacionado aos bairros em que as escolas estão localizadas, ao espaço físico da própria escola e às atividades que aí ocorrem, às características individuais dos professores, as peculiaridades de suas formações profissionais, a história de vida e muitos fatores então condicionam a organização do trabalho pedagógico.

Na escola e na vida, encontramos uma multiplicidade de sujeitos e modo de viver, pensar e ser. É preciso, então, planejar o trabalho pedagógico articulando as atividades de uso significativo da linguagem com atividades de reflexão sobre a escrita. Isto significa dizer, como destaca Kleiman (2005, p.21), que a alfabetização, tomada como a aprendizagem inicial da leitura e da escrita, deve ocorrer em contextos de letramento que potencializam o domínio da linguagem, ou seja, na construção de contextos facilitadores da transformação dos alunos em sujeitos letrados.

Referências:

GOMES, Suzana dos Santos. **Discurso e Interação em Sala de Aula nos Eventos de Letramento**. 2003.

KLEIMAN, A., **Os significados do letramento**. Campinas, Mercado das Letras: 1995.

LAURENTI, Roseli Bacili. **Aprendizagem por meio da Narrativa**. 1 ed. São Paulo: Vetor, 2006.

MARQUES, S., **O processo de ensino e aprendizagem dos diferentes usos e formas da linguagem: letramento**. (artigo publicado). 2004. Disponível em:
<http://www.psicopedagogiaonline.com.br>

PAPALIA, Diane E. **Desenvolvimento Humano**. 7. ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

RIBEIRO, Isabela Silva. **A Orientação Profissional: facilitadora da dinâmica de aprendizagem**. 2004.

SOARES, M. B. **Letramento: um tema em três gêneros**. Autêntica, Belo Horizonte: 2001.